

fortes preocupações sociais e que mescla na obra o estruturalismo, a crítica social e o absurdo. Já *Shisan bu*, *Shi cao jiazuo* e *Sishiyi pao* são obras em que, através da pessoa da narrativa, arquétipo, fluxo de consciência e vozes sobrepostas, envereda por uma literatura experimental. São bons romances com uma ampla gama de referências à cultura regional, à mitologia, ao sofrimento espiritual do intelectual e à restauração da memória da infância. Os livros de Mo Yan são sempre ambiciosos, do porte e peso de um elefante. A sua narrativa é como a enxurrada de um rio que nos inunda. A delicadeza e a graciosidade, a cautela e o cuidado não fazem parte do estilo de Mo Yan. Ao contrário, os seus romances gradualmente ganharam um novo estilo, porque, apesar de partirem da terra natal, extrapolam o orgulho regional para exprimir a complexa experiência do século xx do povo chinês, transmitindo o espírito da ficção chinesa.

Quanto à teoria da literatura, existem dois artigos de Mo Yan que merecem atenção. O primeiro é “Em defesa da dignidade do romance”, no qual discorre sobre a extensão, dificuldades e densidade que o romance tem que manter como marco da sua dignidade. O seu ponto de vista teve uma resposta entusiástica por parte de outros escritores. O segundo é o seu discurso “Nove relações na criação literária contemporânea” em que aborda de maneira sistemática as relações entre literatura e classes sociais, literatura e política, literatura e vida, literatura e ideologia, literatura e personalidade do escritor, literatura e herança e inovação, literatura e povo, o carácter nacional e a universalidade da literatura, a crítica e a criação literárias. O seu ponto de vista é vívido e humorado.

Mo Yan é um dos escritores chineses contemporâneos mais influentes. Agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e da Cultura pelo governo francês em 2004, recebeu o prémio italiano Nonino de Literatura Internacional, o prémio Harold Newman de Literatura Chinesa dos EUA. Depois de

Ba Jin 巴金, foi o segundo escritor chinês a receber o Prémio Fukuoka de Cultura Asiática, em 2006. A sua obra já foi traduzida e publicada em mais de quarenta idiomas, elevando a literatura contemporânea chinesa ao patamar internacional, bem como foi, por diversas vezes, recomendada a sua indicação ao prémio Nobel de Literatura.

Após a publicação de *Tanxiang xing*, Mo Yan anunciou que iria “retirar-se”, voltar às raízes chinesas, ao passado e ao seio do povo em busca de um estilo ficcional renovado, o que causou calorosas discussões. Penso que é sensível e talentoso para fazer isso e, com certeza, se deu conta dos problemas da literatura contemporânea chinesa, tanto na forma quanto na linguagem, tanto no tema quanto no conteúdo por ter sido influenciada pela ficção ocidental. Por isso, ao procurar escrever uma prosa ao estilo chinês era necessário que o buscasse dentro dos seus próprios elementos culturais, do folclore e do campo, recursos regeneradores. Não era fácil, mas Mo Yan conseguiu-o. Os seus romances mais recentes, travestidos de uma couraça de ficção chinesa, estão plenos de um novo espírito ficcional modernista. Pode-se afirmar que tomou como referência a técnica, a forma e a estética de escritores europeus, norte-americanos e asiáticos para criar obras com um estilo único e pessoal. À força, continuou a escrever a proposição ficcional do “continente à deriva”, deslocando a atenção do mundo para a Ásia e a China, fazendo com que um continente mágico, sofrido e radiante se tornasse num novo estilo literário a surgir no círculo literário mundial. **RC**

Publicado em *Renmin Wenxue* 人民文学 (Literatura do Povo).

Tradução de Márcia Scmaltz.

Peito Grande, Ancas Largas

Notas de Leitura

FERNANDA DIAS*

“A ti cantarei, Terra-Mãe universal, de sólidas ancas, a mais antiga, que alimentas no teu solo a vida. Tudo o que anda sobre o solo divino, tudo o que nada no mar, tudo o que voa, se alimenta das tuas riquezas, ó Terra. Tu abençoas os povos que geram muitos filhos e muitos frutos, ó Venerável!”

Hino Homérico a Gaia, segundo a tradução francesa de Leconte de Lisle, 1868

MO YAN

Guan Moye 管谟业 nasceu a 5 de Março de 1955 na China, em Gaomi, na província de Shangdong. Desde as primeiras publicações que adoptou o nome literário de Mo Yan 莫言, cujo sentido, “não fale”, foi inspirado pelo conselho dos pais a que se abstivesse de exprimir opiniões pessoais em público.

Filho de camponeses, depois de aos 12 anos ter abandonado os estudos, apascentou gado e trabalhou em fábricas. Aos vinte anos alistou-se no Exército Popular de Libertação, tendo aí prosseguido os estudos. Dava aulas de matemática aos soldados, mas, fiel ao seu sonho de se tornar escritor, assinava duas revistas literárias: *Literatura do Povo* e *Artes e Letras do EPL*.

Em 1978 deu início aos estudos de criação literária e escreveu a sua primeira obra, um conto chamado “Mamá”.

* Escritora e artista plástica. Publicou em Macau: *Poemas de Shu Wang* (2012); *O Sol, a Lua e a Via do Fio de Seda: Uma Leitura do Yi Jing* (2011); *Gao Ge – Poemas* (2007); *Poemas de Uma Monografia de Macau* (2004); *Chá Verde* (2002); *Rio de Erhu* (1999); *Dias da Prosperidade* (1998); *Horas de Papel* (1992). Como artista plástica, estudou gravura com o Professor Bartolomeu dos Santos e leccionou na Oficina de Gravura da Academia de Artes Visuais de Macau. Expõe pintura regularmente.

Writer and artist. She published in Macao: Poemas de Shu Wang (2012); O Sol, a Lua e a Via do Fio de Seda: Uma Leitura do Yi Jing (2011); Gao Ge – Poemas (2007); Poemas de Uma Monografia de Macau (2004); Chá Verde (2002); Rio de Erhu (1999); Dias da Prosperidade (1998); Horas de Papel (1992). As an artist, she studied printmaking with Prof. Bartolomeu dos Santos and lectured in Printmaking Workshops at the Academy of Visual Arts of Macao. Frequently exhibits paintings.

Em 1981 publicou o seu primeiro romance *Touming de huluobo* 透明胡萝卜 (O Rabanete de Cristal). Em 1984, ingressou na Escola de Arte e Literatura do Exército, tendo editado desde então romances, contos e ensaios.

Em 1987 publicou *Hong gaoliang* 红高粱 (Sorgo Vermelho), o *bestseller* cuja adaptação ao cinema por Zhang Yimou 张艺谋 ganhou o Urso de Ouro do Festival Internacional de Cinema de Berlim em 1988.

Em 1996 publicou *Peito Grande, Ancas Largas*¹ (*Feng ru fei tun* 丰乳肥臀).

Livro controverso, não tanto pelos tabus de cariz social e sexual que aborda, como pela pouco ortodoxa perspectiva dos factos históricos, valeu ao autor uma intimação para redigir uma auto-crítica e chegou a ser retirado da circulação.

Em 2009 recebeu várias distinções, entre as quais o prémio Newman. Em 2011 foi-lhe atribuído o prémio “Mao Dun”, tendo igualmente sido eleito vice-presidente da Associação dos Escritores da China.

Em 2012 recebeu o Prémio Nobel da Literatura.

Por vezes equiparado a Kafka, pela capacidade de recriar personagens através das mais alucinadas metamorfoses, diz-se que Mo Yan leu e apreciou os autores latino-americanos do chamado “realismo mágico”, mas, segundo ele próprio, sem influência directa na sua escrita. Em entrevista recente Mo Yan comentou que “a literatura pode ultrapassar as barreiras que separam países e nações” Por isso mesmo nenhuma

LITERATURA

realidade faz sentido sem os mitos subjacentes a cada cultura, pois nos mitos enraízam as crenças comuns e também os derradeiros tabus.

Ainda no século passado alguns letrados chineses atribuíam aos leitores do Ocidente o mau gosto de perseguirem uma ilusão de estética chinesa, com as suas imagens de chinesas exóticas vestidas de seda, pés titubeantes, rosto empoado semi-oculto pelas sombrinhas de papel de arroz encerado, recostadas em cenários profusamente decorados com *chinoiseries* de pacotilha. Porém, esse exotismo de pechisbeque nada tem a ver, por exemplo, com a obra de Victor Segalen, (1878-1919) que ninguém poderia alinhar ao lado da chamada “ficção exótica”. Ele próprio, num texto intitulado “Notas sobre o exotismo”, publicado na revista *Mercur de France*, disse ser imperativo “atirar pela borda fora tudo o que há de abusivo e rançoso na palavra exotismo.”

Foi o que fez Pearl S. Buck. (Nascida na Virgínia, nos E.U.A., viveu na China até à idade adulta. Em 1938, foi-lhe atribuído o Nobel da Literatura.) Talvez o seu livro mais famoso seja o romance *A Mãe*,² de cujas páginas estão ausentes, quer o exotismo de pechisbeque quer a cultura do Ocidente.

Não encontramos nesta narrativa nem o herói nem o aventureiro ocidental. Os camponeses cujas vidas decorrem em universo fechado, num mundo rural onde o exterior é o imenso desconhecido, de onde chegam inquietantes ameaças, poderiam ser agricultores pobres de qualquer meio rural algures no mundo. Muitos viverão e morrerão sem ter saído da aldeia natal. Esses mesmos seres humanos, essa mesma inquietante ameaça aos ciclos da vida, voltaremos a encontrá-la na obra de Mo Yan, e citaremos adiante alguns paralelos.

O Nobel atribuído em 2012 à obra de Mo Yan e o número sempre crescente de traduções nas mais diversas línguas vem confirmar que os leitores avisados já não buscam nas literaturas orientais nenhum tipo de exotismo pitoresco e a obra de Mo Yan talvez não agrade aos admiradores fiéis de Pierre Loti.

LENDO PEITO GRANDE, ANCAS LARGAS

Abro estas páginas com o estado de espírito do leitor ávido com um livro novo na mão. São seiscentas páginas na edição portuguesa, com quase meio milhão de palavras no original, traduzido da

versão inglesa *Big Breasts & Wide Hips* (esta, por sua vez, traduzida por Howard Goldblatt, assistido por Sylvia Li-chun Lin, a partir de uma versão abreviada fornecida pelo autor).

Mergulhar na leitura deste livro é como empurrar com esforço uma espessa porta, pesada de ferragens, e esgueirar-se através da fresta assim aberta para um mundo que não chamarei de ficcional, de uma tal força persuasiva, misteriosa, imperativa, que a memória não pode senão extrair dele senão novas e duradoiras reminiscências.

As primeiras linhas já nos impõem um feixe de enigmas: Malory, um missionário sueco, deitado no seu *kang*, contempla uma pintura a óleo, manchada pela humidade da chuva de Verão. Um raio de luz faz brilhar o seio róseo da Virgem e as bochechas do menino que ela aleita. Um aranhaço, suspenso de um fio de teia em contraluz da janela, introduz o primeiro dos inúmeros provérbios que vão aparecer ao longo de toda a obra:

“Aranha da manhã, traz ventura, à noite, riqueza pura. [...] Mas que ventura poderei eu esperar? Todos aqueles seios e nádegas celestiais do seu sonho lhe atravessaram o espírito.”

(Mo Yan, *Peito Grande, Ancas Largas*, p. 19)

Os dados estão lançados. Intuímos, logo nas primeiras linhas do que trata o livro. Mas o leitor não familiarizado com o interior das habitações daquela zona da China rural, fica também a saber que, por talentosos e eficazes que sejam os múltiplos tradutores, em muitas ocasiões fica por conta da sua imaginação, ou pela sua disponibilidade para inquirir imagens, a visão do mundo onde o romance ocorre. Pois *kang* não é só “tarimba de tijolos”, e “cama aquecida” também não chega para definir esse coração de um lar – ou de um tugúrio – que é o *kang*. E assim por diante.

Mas que importa. Já cá estamos e logo saímos para as traseiras da igreja onde Malory vê Shangguan Lü, esposa do ferreiro, a varrer o chão da oficina.

“Meu Deus”, balucia ele.

Num livro tido por muitos como lascivo e até indecoroso, não encontraremos muitas – mesmo veladas – palavras de amor. Talvez esta invocação ao Todo Poderoso do pastor seja a mais intensa e a mais determinante.

“No Outono de 1935, na margem do Dragão das Cheias, aonde fora apanhar erva, a Mãe foi violada por quatro desertores armados.

No fim, olhou o rio e decidiu afogar-se. Mas no instante em que se preparava para morrer, viu o reflexo azul do belo céu da Gaomi na limpidez das águas. Brisas frescas limpavam-lhe do peito a humilhação. Com as mãos em concha, lavou a cara coberta de suor e sulcada de lágrimas, depois alisou a roupa e voltou para casa.” (p. 95)

Os maus-tratos infligidos pela sogra a Shangguan Lü e às suas filhas fazem dos primeiros capítulos uma penosa etapa. No princípio do Verão de 1936 nasce a sétima filha.

“Deus do céu, porque és tão avaro? Mais um nico do teu barro e tinhas feito desta criança um rapaz.” (p. 95)

Mas o Deus do Céu anda distraído:

“Foi então que o marido irrompeu no quarto, puxou para trás o cobertor e recuou, vacilante. A primeira coisa que fez depois de se restabelecer do choque foi pegar num maço de bater a roupa molhada e dar com ele na cabeça da mulher. O sangue manchou a parede e o homenzinho, demente, voltou as costas e saiu a arder em cólera. Tirando da fornalha uma tenaz em brasa, correu de volta ao quarto da mulher e marcou-a no interior da coxa.” (p. 95)

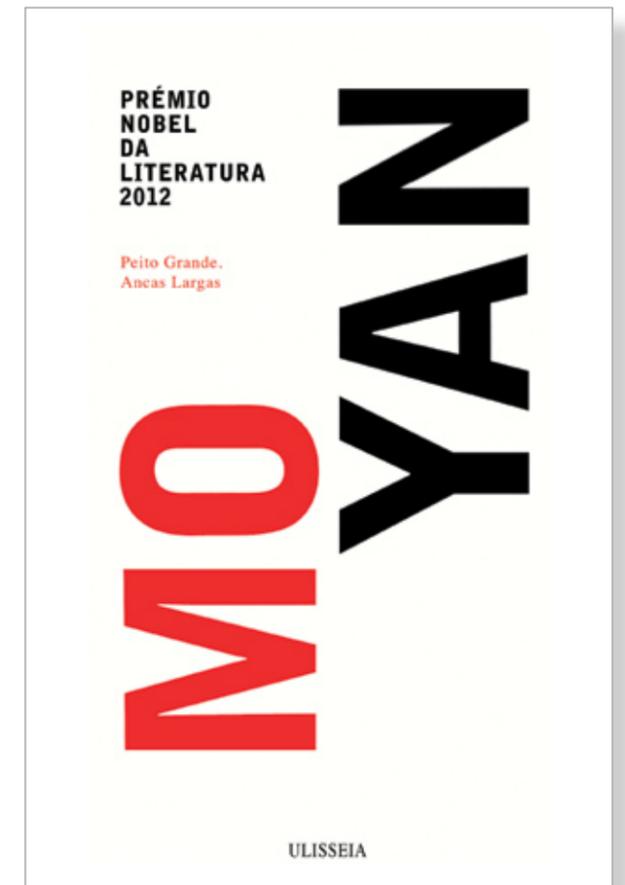
O Deus do Céu tantas vezes invocado também não ouviu o grito lancinante de dor da mulher queimada, que acabava de dar à luz.

Com as feridas do corpo e da alma ainda purulentas, atraída pelo som brônzeo do sino da igreja, a Mãe vai um dia à igreja e rompe em lágrimas durante a leitura de uma passagem do Evangelho de S. Mateus.

Mais tarde o pastor há-de secar essas lágrimas com as palavras do mais belo e antigo canto de amor que a humanidade venera:

“... mulher perfeita, as tuas coxas são macias como o melhor jade, polido pelos melhores artesãos, o teu umbigo é uma taça redonda e perfeita, a derramar um néctar requintado, a tua cintura é um molho de trigo atado com uma trança de lírios... os teus seios dois cordeiros gémeos...” (p. 98)

Nesta quatro páginas de uma espantosa intensidade revela-se todo o génio de Mo Yan, passando da descrição da mais vil das abjecções à mais sublime beleza que as palavras podem encerrar, mostrando magistralmente a universalidade, a sagrada perenidade, a função regeneradora da palavra poética.



Do missionário e de Shangguan Lü nascerá o narrador, Jintong, único filho varão desta mãe de sete filhas. Gémea de Jintong, nascerá cega a Oitava Irmã, Yunü.

A invasão japonesa com o seu cortejo de horrores, a mortífera guerra civil – um festim para corvos e falcões – catástrofes, fomes e maleitas, encantamentos e metamorfoses vão encadear-se num vertiginoso painel que o narrador atravessa, levando como guia a sua bizarra, infamante, obsessão alimentar, a sua debilidade, o seu instinto de sobrevivência e as marcas físicas da sua bastardia.

LIVROS COMO CEREJAS:
ATRÁS DE UM VEM UM CENTO

Quanto mais original e cativante é uma obra literária, mais a mente do leitor se obstina em iluminar passagens de obras anteriormente lidas, mais referências a memória capta de passadas leituras.

LITERATURA

LITERATURE

Ao longo de mais de 600 páginas (ainda assim reduzidas, de acordo com a versão fornecida pelo autor para a versão portuguesa, como foi dito acima), algo evoca obscuramente outras páginas, outros personagens, alguns tão antigos e esquecidos que a reminiscência, vaga, fugidia, é quase sempre abandonada como ilusão sem fundamento.

É certo que só um escritor chinês visceralmente impregnado das tradições e crenças do seu povo poderia ter cruzado seres reais com animais lendários e estranhas visões como ele o fez.

Inúmeras vezes, ao longo do texto encontramos subtis referências aos mitos antigos. (Por exemplo, na página 56 da versão portuguesa, “camiões com alma nos olhos, como árvores que dão à luz espíritos” lembra uma das inúmeras metamorfoses de Nu Gūa, a deusa que remendou o céu).

Mas essa escrita que aparece como extravagante e pouco fiel retrato da China do século xx ao olhos de alguns, dificilmente pode ser encarada como bizarra, ou única, pelos leitores atentos da saga imorredora *Cem Anos de Solidão* (*Cien años de soledad*, 1967), de Gabriel García Márquez (nasceu a 6 de Março de 1927, recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1982).

Nos dois livros palpita a mesma atmosfera poética, tensa e misteriosa, displicente, quase satírica, quer se trate da dança das borboletas brancas ao sol ou de uma burra a parir.

Prosaico e sublime aparecem como a mesma coisa, conforme um dos primeiros princípios do Tao:

“Quando todos reconhecem a beleza como bela,
já há fealdade
quando todos reconhecem a bondade como boa,
já há maldade
'ser' e 'não ser' engendram-se mutuamente
o fácil e o difícil complementam-se
o longo e o breve mutuamente contrastam
o alto e o baixo são contíguos
antes e o depois sucedem-se mutuamente”.

(Laozi 老子, *Dao De Jing* 道德经, II)

A TERRA DEBAIXO DO CÉU

Como as águas de um rio extravasando alaga os campos, assim esta escrita vertiginosa arrasta para um mesmo caudal livros lidos que julgara esquecidos.

Aqui descobrimos o aroma das ervas, a sombra das árvores, o bafo lodoso do rio, o timbre dos apelos,

o cheiro peculiar das casas, com seus fumos e vapores, o sabor das comidas, os balidos do animais, o canto dos pássaros, os objectos do dia-a-dia, na sua cor real da matéria que foi tocada por gerações e ganhou uma nobreza que é mais do que a pátina das eras.

Tudo isto me é profundamente familiar e sobressai vividamente sobre o caos da guerra, sobre o aguilhão da fome, é uma terra, um povo, uma era, que a escrita genial de Mo Yan revela, um cântico selvagem, uma extensa saga, caudal de prodígios, entre folia e euforia.

O livro *Mudanças* (*Si shi yi bao* 四十一炮), agora publicado em Portugal,³ dá testemunho da duplicidade desse universo, o país real e o cenário das suas geniais efabulações. Esse pequeno repositório de recordações, cujo título me lembra o *Clássico das Mutações* (*Yijing* 易经), começa assim:

“Em boa verdade, eu deveria estar a narrar os acontecimentos que ocorreram após 1979, mas os meus pensamentos não param de me levar para aquela tarde do Outono de 1969 em que o sol brilhava intensamente, os crisântemos dourado estavam em plena floração e os gansos selvagens cumpriam a sua migração para sul.”

Apontamentos que como que esboçam um cenário para *Peito Grande, Ancas Largas* com os seus antiquíssimos mitos, as suas errâncias de vidas despedaçadas, de famílias perseguindo tenazmente uma débil luz de sobrevivência, ancoradas na magia poderosa das lendas e na força da sabedoria popular.

OS SEIOS DA TERRA E OS POMOS DE EVA

“... e nós diremos à nossa mãe Metanira de largas ancas, e ela ordenará talvez que venhas a nossa casa, que não busques outra. Um filho engendrado na sua velhice, nascido tarde, muito desejado e muito amado, é aleitado na protegida morada interior. Se tu o alimentares, até que ele chegue à puberdade, todas as mulheres te invejarão, tantos serão os presentes que ele dará à sua ama de leite.”

(Hino homérico a Deméter, segundo a tradução francesa de Leconte de Lisle, 1868)

³“Madona Litta”, pintura de finais do século xv, geralmente atribuída a Leonardo da Vinci (Museu Hermitage, São Petersburgo).



LITERATURA

No paraíso primordial, Eva, a Primeira Mãe da cultura judaico-cristã, estende ao homem o fruto da árvore do bem e do mal, desafiando o interdito de Jehovah. As obras de arte representaram-na ao longo dos séculos estendendo o fruto rotundo à altura dos seios desnudados. Adão é adulto, mas o conhecimento está-lhe vedado, Eva será punida com as dores do parto, e serão os seus seios que alimentarão os filhos, eles também condenados a uma debilidade, dependência e longa aprendizagem na infância, cuja esperança de vida será tanto mais longa quanto mais generosos forem os seios maternos. Mas o Conhecimento sobrevém com a aprendizagem da submissão da terra ao seu dever de Mãe, e também Adão foi punido: extrairás da terra o alimento, com o suor do teu rosto. O tabu é pois antiquíssimo, ele é da idade da humanidade. O homem adulto é entregue, após o desmame, aos seios da terra, e, ao encasular-se na infância, Jintong condena-se a jamais ser perdoado do pecado original. Drama bíblico que ele ignora, embora sendo filho de um pastor. A sua condição de bastardo e de órfão também o marcam definitivamente, furtam-lhe o contacto e o exemplo que o poderiam ter ajudado vencer o destino adverso, encontrando em si mesmo o antídoto viril que equilibrasse a dependência da mãe.

Se a obsessão do Jintong pelo leite, alimento e dádiva de amor maternal, valeu a este livro alguma intolerância enojada de leitores habituados a obras mais comedidas e bem-pensantes, não é no entanto caso raro o uso do leite, ou da falta dele, como metáfora de uma infância gloriosa nos braços maternos, ou predestinada à miséria e solidão, na carência desse elixir de vida. A meus olhos nada há de freudiano na recusa dos alimentos sólidos que ensombra a vida do protagonista deste livro. Será antes uma ânsia de prolongar o estado de inocência, a recusa de tudo o que da terra nos vem de perecível, de lodoso, de putrescível, de cadáveres, o repúdio de tudo o que nos liga ao solo pelo canal das nossas vísceras e intestinos, todo o cunho da morte que a tomada de consciência da nossa condição carnal patenteia.

Autores de todas as eras e latitudes escreveram sobre o elo do leite materno com a vida, sobre a relação do homem nos seus primeiros anos com o seio da Mãe. Por vezes bastam apontamentos como este para ler no testemunho de uma dolorosa primeira infância passagens de miséria e incultura na história dos povos:

“Manhã ainda escura, chegavam as mulheres.

Em carros aos solavancos, por estradas descalças,

deixando para trás um rasto de lixo. Primeiro davam de beber aos bebês, que se torciam em canastras, entre molhos de couves-rábanos. Tiravam do cano da bota o biberão cuja tetina nuvens de moscas logo enegreciam, e enfiavam-no na boca das crianças esfaimadas, que bebiam gulosamente o leite quente e um tudo-nada azedo.”

(Deszö Kosztolánnyi, *Cotovia*⁴)

A estas linhas, como que respondem as que se seguem, sublinhando a diferença entre infernos urbanos que a literatura não se cansou de denunciar nos últimos séculos e paraísos rurais tidos como utópicos:

“Ela trabalhava agora o dia inteiro e a criança ficava dormindo, no chão, em cima de um velha coberta acolchoada. Quando chorava, a mulher interrompia o trabalho, descobria o seio e sentava-se no chão para o amamentar. O sol caía sobre ambos, o sol tardio dos fins de Outono que conserva o ardor do Verão até que o frio do Inverno o afugenta, e sob os seus raios, a mulher e a criança, tão morenas como a gleba, pareciam duas estátuas de terra. A poeira dos campos polvilhava os cabelos da mulher e a macia cabeça negra do menino.

Mas do grande seio da mulher, fluía, branco como a neve, o leite que alimentava a criança, e enquanto um era sugado do outro manava leite como de uma fonte. E ela deixava-o correr. Havia leite de sobra para o menino, por mais insaciável que ele fosse, chegando até para muitas crianças; e, orgulhosa da sua abundância, O-lan deixava-o correr descuidada. E tinha cada vez mais. Às vezes levantava o peito e deixava o leite correr para o chão, para não sujar a roupa, e perdia-se na terra, formando no chão uma mancha mais escura, mole e untuosa. O menino estava gordo, sadio, e absorvia a vida inesgotável que a mãe lhe dava.”

E, quando as nuvens do longínquo deserto levaram para longe as nuvens da chuva, e a seca devastou os campos:

“Havia um sinistro presságio na estranha serenidade daqueles dias em que a terra os abandonava. Só para a petiza não havia receios. Tinha à sua disposição os dois robustos seios da mãe, que até aí chegavam bem para satisfazê-la.”

(Pearl S. Buck, *Terra Bendita*⁵)

O MENINO DE OIRO

Prisioneiro da sua obsessão, Jintong encarna a mais límpida, ainda que dolorosa, liberdade, a de se ser como se é. A sua compulsão pelo leite materno não é, a meus olhos, mais chocante que a de Rebeca Buendía pela terra, em *Cem Anos de Solidão*:

“Durante vários dias não conseguiram que comesse. Ninguém percebia como não morrera de fome, até que os indígenas, que se davam conta de tudo porque andavam sempre de um lado para o outro com os seus pés sigilosos, descobriram que Rebeca só gostava de comer a terra húmida do quintal e pedaços de cal que arrancava das paredes com as unhas. Era evidente que os pais ou quem quer que fosse que a tivesse criado, a tinham repreendido por este hábito, porque o fazia às escondidas e com consciência de culpa, tentando guardar as rações para comê-las quando ninguém a estivesse a ver.”

Rebeca haveria de ser expurgada desse hábito atroz pelas mezinhas de ruibarbo e laranjas preparadas por Úrsula, a matriarca, que aprendera o segredo das ervas com sua mãe. Porém, Rebeca conservaria o vício até à velhice, no fluir do romance encontramos-la presa dessa incoercível nostalgia, com recaídas secretas de cada vez que os dramas e perdas da sua vida a levam de volta às agonias da infância:

“Nas tardes de chuva, em que bordava com um grupo de amigas no corredor das begónias, perdia o fio à conversa e uma lágrima nostálgica salgava-lhe o paladar quando via as veias de terra húmida e os montinhos de barro construídos pelas minhocas no jardim. [...] Voltou a comer terra. Da primeira vez, fê-lo quase por curiosidade, certa de que o mau sabor seria o melhor remédio contra a tentação. E de facto não conseguia suportar a terra na boca.”

As linhas que se seguem poderiam ser inseridas ao lado das que descrevem a ligação de Jintong, com o leite em *Peito Grande, Ancas Largas*:

“Mas insistiu, vencida pela ânsia crescente, e a pouco e pouco foi resgatando o apetite ancestral, o gosto pelos minerais primários, a satisfação sem resquícios do alimento original.”

Não era mineral o sabor que alimentava o corpo e a alma de Jintong, mas era a mesma ansiedade, e era para os mesmos males o consolo que buscavam ambos

LITERATURE

nesses alimentos que deixavam “um rasto áspero na boca e um sedimento de paz no coração.”

Que austeros fios colheram da vida, em meninos, Guan Moye e Gabriel García Márquez para que a suas escritas corram por vezes assim paralelas, entrelaçadas, meandros de um rio ficcional onde a utopia aparece como um pretexto para contar a história dos homens?

No seu mais recente livro publicado em Portugal, o já citado romance, dito autobiográfico *Mudanças*, Mo Yan volta a evocar a mãe, provedora do alimento:

“Na véspera de partir de Qingdao, jantei com o He Zhiwu em sua casa. A mulher fez ravióis de marisco e, à boa maneira de Gaomi, preparou uma malga de pasta de alho. Bastava um olhar para perceber que aquela mulher forte e generosa era uma boa esposa e uma mãe carinhosa.”

A Boa Mãe, aquela que eterniza as memórias da infância através do perfume dos alimentos, aquela que caracteriza com seu tempero tudo o que vai definir os gostos, o sentimento de conforto e segurança do adulto, não é ela o eterno símbolo do paraíso perdido da meninice? O sabor dos pastéis cozinhados ao vapor, a pasta de alho rescendente que tempera as massas ou o arroz, não dão apenas testemunhos da saudade da boa e velha cozinha popular, são portas sensoriais abertas para o mais genuíno dos mundos interiores, como as “madeleines” para a hora do chá de Marcel Proust. Ou as refeições partilhadas com a mãe de Osman, um jovem estudante de Istambul, narradas por Orhan Pamuk (Prémio Nobel da Literatura 2006), no livro *Vida Nova*⁶:

“Consegui, como todas as manhãs, tomar o pequeno-almoço com a minha mãe, aspirando com prazer o cheirinho do pão torrado [...] servia-me do queijo, bebia o chá e sorria para a cara benevolente da minha mãe. A chávina, a chaleira, o tilintar das colheres o barulho de um camião carregado de laranjas na rua, tudo isto tentava convencer-me de que o curso da vida continuava igual, mas eu não me deixava enganar.”

E mais adiante:

“... tal como eles, disse para mim que a tristeza é uma substância negra e nociva, que se espalha do estômago até ao cérebro, e decidi prestar mais atenção àquilo que comia e bebia.”

LITERATURA

LITERATURE

MITOS E PRODÍGIOS

Como nos contos populares, a maldade será punida: o marido e o sogro, preguiçosos, boçais e cruéis, morrerão ingloriamente às mãos dos invasores. Mas à sogra, cuja perfídia é maior por ser mulher, escravizar a nora parturiente e maltratar as netas inocentes está-lhe destinado um castigo burlesco:

“... Deixara no *kang* a minha Oitava Irmã, ser humano supérfluo desde o seu primeiro instante neste mundo, acompanhada de Shangguan Lü, que, privada agora de razão, rastejara até ao anexo virado a poente e devorava excrementos de burra às mãos-cheias.” (p. 107)

Os ouvintes dos antigos contos orais lamentariam sem dúvida que a velha megera tivesse perdido o juízo antes de sentir na pele o castigo destinado aos patifes, e que antes de morrer não tivesse tido consciência da própria degradação.

A partir da página 104 até à página 109, uma prosa vibrante descreve o funeral das vítimas da invasão da aldeia pelas tropas japonesas, atravessando uma seara madura sob o glorioso, impávido céu.

O carro funerário carregando os números corpos, abre caminho pelo meio dos trigais.

Laidi, menina quase mulher, observa os cavalos atrelados à carroça: um é amarelo cor de alperce outro vermelho-tâmar, o terceiro cor de alho-porro. Talvez Laidi tenha ouvido trautear esse fragmento de uma elegia militar que fala dos cavalos do cortejo nupcial:

O papa-figos levanta voo
São tão brilhantes as suas asas!
A moça que vai casar
levam-na os seus cavalos
de ruivo malhados.⁷

Inúmeros signos do simbolismo equino aparecem nestas página, como outras tantas pinturas primitivas: a burra parindo o grande potro, absorvendo a atenção e os cuidados de todos, no preciso momento em a Mãe cruelmente abandonada dá a luz a primeira filha, os excrementos da burra que a sogra demente ingere, os burros bem nutridos e bem escovados dos Mosqueteiros do Burro Preto, que conspurcam a igreja e bafejam Jintong e a irmã recém-nascida, enquanto a mãe é violada pelos guerrilheiros, os cavalos das tropas japonesas invasoras, sacrificados ao ímpeto da cega carnificina (segundo Mircea Eliade, símbolos

que podem ser lidos como emblemas de organizações militares masculinas).

Os corvos voando sobre a seara evocam os antigos mitos solares? Certamente eles deram origem aos augúrios que nos chegaram do fundo das eras. Também Pearl S. Buck, essa americana que amava a terra da China, anota no seu já citado livro *Terra Bendita*:

“Através do céu pálido e nacarado do entardecer, voou um bando de corvos, de um negro luzidio. Revoltearam em torno dele, grasnando ruidosamente. Vi-os desaparecer, como uma nuvem, nas árvores que cercavam a casa. Correu-lhes no encalço gritando e agitando a enxada. Voaram de novo, um a um, descrevendo círculos por cima da sua cabeça, zombando dele com os seus gritos e perderam-se por fim no céu enegrecido. Wang Lung soltou um grande suspiro. Era um mau agouro.”

E Orhan Pamuk, longe da China, em *A Vida Nova*:

“Em baixo, na encosta da colina que desce para Dolmabahçe, estava tudo tão calmo entre plátanos e castanheiros! As árvores não sabem que são árvores, pensei. Uns corvos bateram as asas e levantaram voo de um ramo coberto de neve.”

As filhas de Shangguan Lü tirando as camisas para proteger as cabeças do sol tórrido evocam as virgens sacrificadas ao Sol nos primórdios dos cultos xamânicos? Não saberia percorrer os atalhos da imaginação do autor. Sei que antigas leituras convocam instrumentos de navegação para esta prosa, e não é esse um direito do leitor?

Assim vejo os cães que seguem o carro dos mortos:

“A matilha de cães raivosos compunha uma cacafonia de uivos, percorrendo aos pulos os trigais dos dois lados do caminho. Apareciam e desapareciam entre as finas hastes de trigo, como focas a furar ondas.” (p. 105)

Os mesmos cães que surgem nos vários capítulos do romance *A Voz do Fogo*, de Alan Moore:⁸

“Esses enormes cães pretos que correm em matilhas pelos sonhos e pelas trevas.”

Assim aparecem também os cães negros de Sun Calado e seus quatro irmãos mudos, que aterrorizam os aldeões, e que hão-de estraçalhar a oferta nupcial

de Sha Yueliang à Mãe, os animais caçados por ele na véspera de fugir com Laidi, a irmã mais velha.

Nada falta nestas páginas de *Peito Grande, Ancas Largas*, acima citadas, para que se tornem inesquecíveis, traçando sempre em rigorosas ilustrações as cores dos campos sob o céu de Verão, as moitas de crisântemos silvestres, os maciços de joio de folhas brancas, as fúnebres flores do dente-de-leão, nos tempos das origens reservadas ao culto dos mortos.

“Ao ataque!” – bradou Sima Ting, o morgado da Casa da Felicidade, na vila de Dalan, defendendo os despojos dos corvos e gaviões:

“Os homens acorreram à carroça, num magote, para dar combate às aves. Imprecações, sons de batalha, grasnidos, bater de asas, tudo gerava um manto de ruído que vinha embeber amálgama de cheiros intensíssimos: a morte, a suor, a sangue, a lama, a trigo e a flores silvestres.” (p. 111)

Durante os ritos fúnebres, e sempre, a natureza segue o seu curso, imperturbável, ela também mãe comum, tudo nivelando, digerindo, regenerando e redistribuindo. É assim durante todo o livro, e essa capacidade de relatar esse imortal fluxo não é um dos menores talentos de Mo Yan.

La o recém-nascido narrador abrigado no colo da mãe relatando estes acontecimentos. Verbalizando a sua devoção ao seio materno. Este monólogo de uma criança ao peito pondo em palavras o impulso vital que o leva à adoração do leite, não pode senão surpreender. Porque o que se passa entre um nascituro e sua mãe devia ser do foro dos elos que velam pela vida no silêncio, como uma iniciação. Sabemos que nada é profano no leito da mãe. Mas esses elos só são legítimos enquanto o menino é impúbere. O adolescente deve cortar o cordão que o liga ao seio da mãe sob pena de entrar a metamorfose que o fará homem. Sob pena de profanação do que não pode ser profanado.

Enquanto Laidi, a irmã mais velha, vivia os cem dias da transformação da crisálida em borboleta, penteando os longos cabelos negro-azulados, mirando no espelho de água do tanque do pátio os seios adolescentes, prontos a despertar cobiças, acaba um Verão pacífico e de provisões abundantes. Outros soldados da mesma guerra chegam a Gaomi e aquartelam-se em casa de famílias da vila. Em casa de Shangguan Lü sete meninas dormiam inocentemente no *kang*, uma diminuta paz dentro da guerra, quando os combatentes anti-nipónicos prometeram respeito e protecção.

A mãe leva ao pastor os gémeos recém-nascidos para que sejam baptizados. Em velhos quadros a óleo, ainda sorriem os anjinhos desbotados, meninos nus e alados, gordos como inhames.

Os bancos poeirentos e o púlpito estão cobertos de caca de pássaros: será a mesma caca de “O guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro, da pomba Espírito Santo, coçando-se com o bico, empoleirada nas cadeiras e sujando-as, enquanto a Virgem Mãe faz meia pelas longas tardes da eternidade...

Shangguan Lü lembra ao pastor a proposta da sogra, agora demente: o neto deveria ter um nome humilde, para dar sorte, devia chamar-se Pequeno Cão Shangguan. O missionário insurge-se em nome de Deus e de Confúcio:

“– Não, não serve. Nomes com ‘gato’ e ‘cão’ são uma ofensa para Deus. E também faltam aos ensinamentos de Confúcio, que disse: “Sem nomes justos, a língua não pode dizer a verdade.” (p. 127)

Logo depois os vinte e oito nédios burros pretos são trazidos pela turba dos soldados para dentro da Igreja transformada em cavalaria.

Apupado pelos guerrilheiros, por causa dos seus pêlos ruivos, apodado de macaco, o estrangeiro Malory é ferido de morte enquanto a mãe é violada e as crianças atiradas para a palha no meio dos burros.

Sem o saber, os homens da guerra representam uma sacrílega pantomina do nascimento daquele Filho do carpinteiro José e de uma Virgem de nome Maria. O mesmo cuja efigie talhada num troco de jujubeira destila lágrimas de suor e sangue.

O mesmo cuja história foi contada pelo monge André num outro livro de que falaremos adiante:

“André contara-lhe que nascera uma criança de uma mãe jovem e de um pai desconhecido, e que houvera tanta alegria por causa desse menino que os homens o veneravam como a um deus porque nascera do amor.”

(Pearl S. Buck, *Mulheres*,⁹ p. 307)

Uma vez mais, no cerne do clímax sangrento, Mo Yan escreve palavras estranhamente apaziguadoras. Ferido nas pernas, o pastor arrasta-se até aos degraus da torre sineira e sobe penosamente. Lá de cima, o seu olhar paira sobre a paisagem, testemunha inerte dos dramas humanos. Vê as filas de casas com os seus telhados de colmo, as veredas pardas, a bruma sobre o arvoredo, os ribeiros cintilantes contornando os

LITERATURA

bambuais, o espelho dos charcos com as suas plantas silvestres e as suas aves migratórias, as colinas arenosas cobertas de alfarrobeiras em flor, as encostas doiradas da Serra do Boi Deitado. Enfim, toda a vastidão da terra até às portas do céu. Vê também a Mãe semi-nua, jazendo na rua “como um peixe morto”. Com o coração transido de dor e os olhos rasos de água, o padre exilado molha o dedo no sangue das suas feridas e escreve na parede da torre sineira: Menino de Ouro, Menina de Jade.

*Quanto mais original
e cativante é uma obra
literária, mais a mente
do leitor se obstina
em iluminar passagens de obras
anteriormente lidas, mais
referências a memória capta
de passadas leituras.*

Estavam baptizados os gémeos, no sangue do Pai.

No dealbar do Inverno, regenerados, os seios da Mãe eram como “pessoas que não envelhecem, ou árvores de folha perene”. O Menino de Ouro entesourava imagens que simbolizam a mama: os nabos brancos de ponta rosada, as polidas cabaças, as meigas pombas brancas.

Jintong cresce, pois, “às tetas da mãe”, como diz um velho provérbio português, adjectivando os filhos dependentes.

Sai penosamente da infância, sem desmame: dão-lhe uma cabra, de tetas gordas e pêlo macio. Aprende o amor torto nos simulacros, nos antigos ritos, na submissão ao poder aleatório dos que mandam mais. Enfim, cresce aos baldões das peripécias da guerra.

Eu, leitora, aprendo que procurar ou recusar comida são dois reversos da mesma compulsão.

As irmãs mais velhas de Jintong, as sete virgens, caem sucessivamente, como flores ceifadas num turbilhão, às mãos dos guerrilheiros, dos justiceiros, dos aventureiros errantes ou dos mercadores de carne jovem.

Apartadas da Mãe, fugitivas ou sacrificadas a troco da sobrevivência da família, vão estender a malha de aço que aperta a alma insegura do Irmão Único, o Desejado, o macho derradeiro da estirpe, em nome de cujo advento foram todas baptizadas: Laidi, “irmão vindouro”; Zhaodi, “irmão saudado” Lingdi, “irmão anunciado”; Xiangdi, “irmão desejado”; Pandi, “irmão almejado”; Niandi, “irmão aguardado”; Quidi, “irmão procurado” – fêmeas desprezadas do clá de um ferreiro estéril, filhas da desventurada solidão da mãe.

A longa narrativa das suas vidas não pode aqui ser resumida, nem sublinhada.

Essa parte da história conta o lento perecer da linhagem, o murchar da floração da Mãe, Árvore Sagrada Primordial.

É a substituição, lenta e inexorável, da veneranda figura de ancas largas e generoso seio pelo erguer dessa outra desoladora figura feminina que lhe é antagónica, o esqueleto andante de estéril bacia ossuda e órbitas vazias, brandindo o gadanho imemorial.

Ela, que mercê da ganância e imbecilidade dos homens assombra as aldeias desertas, os celeiros vazios, os campos por cultivar, os desleixados baldios ensopados pelo sangue das batalhas. Só as aves necrófagas de abjecto apetite que se banqueteam com os restos da vida e os cães negros das trevas lhe seguem as pisadas.

Adulto, rodeado de traições e outros horrores, Jintong, o menino de sua mãe, não tem paz para crescer vertical como as árvores. Ele busca por sinuosos caminhos, noutros colos femininos, o paraíso perdido do seio materno. De perda em perda, cresce tortuosamente, e regredirá para a obsessão do leite tantas vezes quantas a Rebeca dos *Cem Anos de Solidão* voltará a ingerir terra.

Taras malditas que acarretam a ambos o repúdio enojado dos seus semelhantes (dissemelhantes) em tempos e lugares geográficos tão distantes.

Fechado o livro, há que gerir todos os sentimentos contraditórios que ele suscita, ordenar as memórias que dele guardaremos para sempre.

Guerras e cataclismos sempre abalaram os povos desde a origem dos tempos. Porém não bastam para explicar a estranha flora de interditos e tabus que proliferam na alma humana. Também em tempos de paz e abundância se escreveram páginas de maldições, punições e obsessões, de heróis que desceram aos infernos em busca de paraísos imaginados. Terras houve

onde “das fontes jorravam o leite e o mel, mas era o diabo que amassava o pão”. Tudo ainda guardado em livros eternos, arcas de velhas alianças, que só as escritas saturadas de alegorias e aforismos podem eternizar, desde as canções primevas do *Shijing* 诗经 (Livro das Odes) às heranças clássicas do Mediterrâneo, às crónicas *chuanqi* das Seis Dinastias.

Errâncias, fome, conflitos, a lenta liquefacção da ética, o desrespeito pelo calendário ancestral, o abandono das culturas, o liquidar dos afectos, tudo funde amalgamado no grande caldeirão da luta pela sobrevivência.

Nesse cenário de epopeia antiga vai decorrer a vida de Jintong, eterno adolescente, anti-herói trágico. O Menino de Ouro vai ainda saborear o elixir amargo de outras aberrações. As suas visões, que deveriam como numa iniciação fazê-lo trilhar a Via do Conhecimento, levam-no pelos escuros caminhos do abismo. Parábola do filho que não quer crescer, bastardo e órfão, sem direito aos ensinamentos do pai – único caminho para aprender a máxima virtude, a de ser Homem.

Palimpsesto voluntário de muitas vozes, com os seus breves intertextos, cintilantes como contas de oiro na trama de um bordado em volutas de provérbios, lendas, metáforas, também este livro será alinhado nas prateleiras por alguns junto de outros que contam parábolas sobre a metafísica do Mal.

A Mãe, a cujo eterno espírito é este livro dedicado, é ao longo da narrativa agredida, humilhada, violada, mas o manancial puro do seu leite permanece imaculado, incorruptível avatar do Sagrado.

Natureza e cultura alimentam as literaturas sucedendo-se dentro das narrativas como os destinos dos seres na roda do *Samsara*. Na verdade, para o narrador não existe um recto caminho, existem sim os meandros dos trilhos impostos, entre dor e desejo, e raros instantes de êxtase, reminiscências do único paraíso, a existência pré-natal.

Mas para que a paixão do homem-menino afastado da mãe fosse mais completa, faltava ainda dolorosa experiência, o momento em que levado pelo turbilhão dos acontecimentos cede ao mais abominável dos tabus. Coerente com o cenário de guerra, com a dolorosa rarefacção de meios para a sobrevivência, com o aniquilar da família pela perda das crianças que vão perecendo, mal nos espantamos que esse derradeiro recurso dramático venha adensar a narrativa de Mo Yan.

E não tinha já Pearl S. Buck aflorado o tema, com o pudor que caracteriza a sua prosa?

No livro que relata a vida das mulheres confinadas ao gineceu de uma casa de família rica de bens e tradições, (e interditos) a prestigiada matriarca descobre na sua alma singular um amor bizarro:

“A senhora Wu admirou-se de não se sentir como estranha defronte do marido. E claro que não lhe poderia explicar o que se passava quanto a André; ele teria exclamado imediatamente: “O quê?! Um estrangeiro? Frade? Defunto?”

(Pearl S. Buck, *Mulheres*, p. 293)

E adiante, na página 296:

Os dois entes pareciam reunidos num só. Ela gostaria de lhe dizer quanto rejubilava e o motivo pelo qual se encontravam tão unidos; gostaria de lhe revelar que esse milagre era amor da parte dele, apesar do marido ser um homem respeitável e a rapariga uma criatura de lupanar.

Frade, prostituta... a maravilha não se diferenciava grandemente! A paixão atingira-a, a ela, no mais íntimo do ser, quando escondida nos seus aposentos tão distantes do mundo; e atingira-o, a ele, no quarto público de um bordel!”

Pondo um fim a estas notas de leitura, regresso ao livro de memórias de Mo Yan, onde é questão de outros dois míticos líquidos – o vinho e as lágrimas – e onde a vida é desta vez reconhecida como madrasta:

“Ela deu mais um gole no vinho com os olhos cintilantes de lágrimas. – A vida tem sido madrasta comigo – disse ela olhando-me nos olhos.”

Este pequeno livro de memórias cuja candura é ainda mais genuína que os factos que relata, leva-me a um outro, justamente intitulado *Pequenas Memórias*,¹⁰ de outro laureado do Nobel, José Saramago.

Neste livro de Saramago encontro uma chave que me ajuda a desvendar o enigma de Mo Yan:

“A ambiciosa ideia inicial [...] havia sido mostrar que a santidade, essa manifestação ‘teratológica’ do espírito humano capaz de subverter a nossa permanente e pelos vistos indestrutível animalidade, perturba a natureza, confunde-a, desorienta-a. Pensava então que aquele alucinado Santo Antão que Hieronymus Bosch pintou nas tentações, pelo facto de ser santo, havia obrigado a que se levantassem das profundas todas as forças da natureza, as visíveis e invisíveis, os monstros da mente e as sublimidades dela, a

LITERATURA

LITERATURE

luxúria e os pesadelos, todos os desejos ocultos e todos os pecados manifestos.”

Vida e morte coagem o homem à palavra, e por isso também ao silêncio. Bosh pintou e não precisou

POST-SCRIPTUM

Lendo Peito Grande, Ancas Largas, anoto alguns excertos, pelo paralelo de expressão e conteúdo, encontrados no livro de Pearl S. Buck, *A Mãe*, tradução de Maria Ondina Braga.

Uma suave e ao mesmo tempo lúcida prosa, um sentido poético da língua caro aos leitores de Macau, nestes excertos reconhecemos a pena da tradutora Maria Ondina Braga (1922-2003), mais um fio condutor para explorar, mais um elo ligando a eterna trama de todas as escritas.

O pai face ao mistério do aleitamento:

“Parecia-lhe que uma criança que chorava devia ser logo atendida, e, quando o seu menino berrava, parava com o que quer que fosse para lhe dar o peito. Então o homem aborreceu-se. A mãe interrompia o trabalho a toda a hora. Ele ralhou: – O que? tu constantemente nisto e eu sobrecarregado? Estas ainda a começar a ser mãe! durante mais vinte anos há-de haver sempre um ou outro para mamar... E eu? Que aguento? não és mulher de homem rico, que nada mais faz do que parir e amamentar.” (pp. 11-12)

Seca a fonte do alimento, fica o conforto protector:

“Aproveitando as trevas, o rapaz procurava na cama o peito da mãe, e esta, meio adormecida, deixava-o mamar. O seu seio estava seco, mas era macio e dava conforto ao menino.” (p. 20)

Ancas largas, coxas flexíveis:

“Assim que os feijões que ela semeara no campo floresceram, enchendo o ar de aromas, assim que o vale ficou todo amarelo da colza que haviam cultivado para extrair o óleo das sementes, a Mãe deu à luz o quarto filho. como não existia parteira na aldeia, as mulheres ajudavam-se mutuamente, dizendo as avós o que se devia fazer se algo corria mal, se a criança custava a nascer, se enfim, uma mulher jovem estava aflita. A Mãe, contudo, que era bem formada, nem baixa nem estreita, antes

de escrever. Mo Yan, García Márquez, Saramago, Orhan Pamuk, tantos outros, pintaram os seus lúcidos e alucinados frescos, e essas estridentes escritas são, a meus olhos, uma forma de sagrado silêncio. **RC**

larga de ancas e de coxas flexíveis, nunca sentia dificuldades.” (p. 29)

Pautando o ritmo do labor da terra, com as horas de amamentar:

“Trabalhou pois no trigo toda a tarde, com a cara abrigada do calor do sol por um lenço de algodão azul [...] Ela, porém, não parava senão quando ouvia o choro do menino. Então, sentava-se no chão, dava-lhe o peito, enxugava o rosto, olhava a terra resplandecente de Verão sem ver coisa alguma. Logo que a criança ficava satisfeita, era outra vez a labuta...” (p. 61)

O sublime mistério dos mamíferos, ou a virgem aprendendo a amamentar:

“Então, enquanto observava o menino a chupar-lhe o peito, deu-se um tal tumulto no seu sangue que as lágrimas lhe saltaram dos olhos e os lábios se lhe abriram em sons que não eram palavras. Com aquele corpinho apertado de encontro ao seu corpo ela não compreendia o que se passava em si, compreendendo, no entanto, que se tratava de algo maior do que o menino, maior do que ela própria.” (p. 100)

Lendas do elixir da vida:

“O casaco de bom pano escarlate mais parecia o de uma noiva. A velha seguia-lhe todos os movimentos, de olhos baços pousados no tecido que resplandecia no colo da nora. Já não podia comer, beber, nem mesmo sorver leite humano, morno, que uma mulher amavelmente espremera do seio para uma tigela – Esse leite salvava por vezes os moribundos.” (p. 130)

A culpa e a cegueira:

“Desejava do fundo do coração não ter pecado, e, quanto mais desejava, mais se admirava do que fora capaz de fazer. E todo o seu ódio se virava contra esse homem de rosto liso, acusando-o do

pecado dela, pecado que não sabia como resgatar. Nessa hora a mãe curou-se de todos os ardores da juventude. Nessa hora, deixou de ser jovem. não havia já no mundo homem que lhe importasse como homem. Havia só os três filhos, e entre eles, a menina cega.” (p. 162)

Sentado no chão, entre Jintong e Rebeca Buendia:

“... com a criança num braço e a foicinha noutro, partira cedo para os campos. O bebé já crescido, ficava sentado no chão a brincar à vontade, pelo que chagava a comer terra, a cuspi-la e a voltar a comê-la, até fica com a boca colada de lama.[...] Por fim, exausta, sentava-se ao lado dele e metia-lhe o peito na boca, sem fazer caso das manchas de terra que ele lhe deixava no corpo.” (p. 71)

A Terra, a Mãe, o Homem

“Agora, no entanto, caminhava e via. Os salgueiros cobertos de folhagem tenra refulgiam de verdura; as flores brancas das pereiras balouçavam-se ao vento; aqui e ali flamejava uma romãzeira escarlate. A aragem, mansa, soprava em súbitas rajadas que morriam que morriam logo adiante. E ela nem sabia dizer o que mais a emocionava, se o silêncio de quando o vento morria, se o cheiro da terra, se a fragrância da viração. Sabia só que, entre esses silêncios e os ímpetos da aragem, havia o seu corpo forte, pujante, moço. E uma intensa saudade do homem a possuiu.” (p. 93) **RC**

NOTAS

- 1 *Peito Grande, Ancas Largas*. Trad. de João Martins. Lisboa: Ulisseia, 2012.
- 2 Pearl S. Buck, *A Mãe* (*The Mother*, 1934). Trad. de Maria Ondina Braga. Lisboa: Minerva, 1968.
- 3 *Mudanças*. Trad. de Vasco Rato a partir da versão inglesa *Pow!* (Seagull Books 2010). Porto: Divina Comédia, 2012.
- 4 Deszö Kosztolányi, *Cotovia* (*Pacsirta*, 1924). Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- 5 Pearl S. Buck, *Terra Bendita* (*The Good Earth*, 1931). Lisboa: Livros do Brasil, 1956.
- 6 Orhan Pamuk, *Vida Nova*. Trad. de Filipe Guerra. Lisboa: Presença, 2006.
- 6 Tradução minha da versão de Marcel Granet do canto “Os montes de Leste”, *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, 1919. Papa-figos: *oriolus oriolus*. “Ao canto do papa-figos” é um adágio de calendário na China antiga.
- 7 Alan Moore, *A Voz do Fogo* (*Voice of the Fire*, 1996). Pref. de Neil Gaiman. Trad. de David Soares. Parede: Saída de Emergência, 2006.
- 8 Pearl S. Buck, *Mulheres* (*Pavillion of Women*, 1946). Trad. de João Cabral do Nascimento. Lisboa: Editorial Minerva, 1947.
- 9 José Saramago, *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho, 2006.